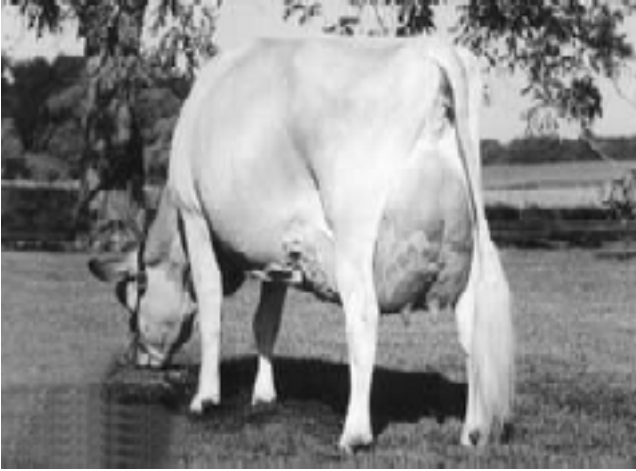


# História e estatística do leite no Brasil



A história da alimentação do homem, desde\* os primórdios das sociedades consideradas civilizadas, fornece argumentos para justificar por que a pecuária do leite evoluir rapidamente em algumas sociedades e manteve um caráter extravista e pouco organizado em outras. Por exemplo, a origem multirracial do povo brasileiro talvez ajude a explicar fatos relacionados, a atividade leiteira no Brasil. Além de Portugueses e Espanhóis, outros povos sem tradição na exploração de vacas leiteiras contribuíram de maneira significativa para a formação de sistemas agrícolas com bovinos não especializados no leite.

Analisando a história dos hábitos alimentares, fica bem caracterizado que os mediterrâneos consumiram basicamente cereais, leguminosas e pouca carne e outros produtos de origem animal sendo a dieta baseada na tríade clássica trigo – vinho - azeite de oliva. Egípcios, Fenícios, Gregos, Romanos, Árabes e Judeus consumiam leite e seus subprodutos mais como complemento e, frequentemente, utilizavam cabras e ovelhas para suprimento. Por outro lado os Europeus do norte sempre tiveram o leite e seus subprodutos mais como base das dietas alimentares, e a vaca leiteira foi muito importante para a sobrevivência no Hemisfério Norte, onde o clima impiedoso exigia outra concepção de vida.



Relatos históricos indicam que os Gregos e os Romanos consideravam os Germânicos, cuja alimentação era baseada em leite, carne e queijo, por este motivo considerados bárbaros.

Sobre o consumo de alimentos nos países evoluídos, o leite e seus derivados raramente eram mencionados até o século XX, sendo o fato atribuído às dificuldades de conservação, do comércio retalhista ser local e os produtos serem considerados alimentos de camponeses.

Somente a partir dos anos zero do séc. XX foi possível estimar o consumo em equivalência leite de diferentes países, sendo considerado grande consumidores: Suíça, Suécia, Finlândia, Irlanda, Noruega, Dinamarca; EUA e Alemanha. Os médios: França, Grã Bretanha e Bélgica. Pequenos: Itália, Grécia, Espanha e Turquia (veja que o Brasil ainda não aparece como produtor de leite).

Com a Revolução Industrial, ocorreram mudanças e os consumidores, passaram a tomar mais leite. Entretanto o leite fresco foi adotado tardiamente e de maneira mais limitada nos países que historicamente não tinham tradição no consumo.

Viajantes Europeus vieram ao Brasil e notaram que o

leite e os seus derivados não eram encontrados com facilidade, fato até hoje detectado em várias regiões do Brasil. Relatos sobre a vida em fazendas mistas, do início do século passado até os anos 50 revelam que os sistemas utilizados para produção eram extrativistas ocorrendo acentuada estacionalidade de produção, baixa produtividade do rebanho, e que a atividade não podia ser caracterizada como especializada.

Nos EUA no mesmo período, o leite representava mais de 65% da renda bruta das fazendas e o setor mostrava avanços consideráveis em qualidade, produtividade dos fatores de produção, e cooperativas fortes e estruturadas.

De acordo com o anuário da Pecuária Brasileira (2005) a produção mundial de leite está estimada em 416.444 milhões de toneladas obtidas de 127,80 milhões de vacas leiteiras.

Os EUA possuem produção média de 8.816 kg, a América Latina 2.314 kg e no Brasil produzimos menos de 2.000 kg vaca/ano, todavia estes índices vêm aumentando desde 1992.



Já no ano de 1996, o Brasil conseguiu ser dos seis maiores produtores de leite.

Nos últimos 32 anos a produção Brasileira comparativamente com países mais importantes no cenário mundial foi o que mais cresceu.

Hoje a produção Brasileira é praticamente o dobro da produção da Nova Zelândia e mais que o dobro da produção da Argentina, ambos os países considerados referência na produção e exportação mundial de leite.

O Brasil hoje é o quinto maior produtor de leite do mundo, com pouco mais de 26 bilhões de kg/ano, oriundo de um rebanho com 15,1 milhões de vacas em lactação/ano.

Entretanto, os níveis de produtividade segundo a ANUALPEC (2007) é de 1.690 kg/ano/vaca comparado com a média mundial que é de produção de leite de 5,7 kg/dia.

Se houver poder de compra e uma campanha de conscientização da importância de uso do leite na dieta da população, teremos que produzir muito leite ainda.

Os mais importantes obstáculos ao aumento e a modernidade da produção leiteira no Brasil foram removidos recentemente.

O primeiro deles era a concorrência exercida há anos por países exportadores de leite em pó e derivados, o segundo era a postura da maioria das entidades e indústrias ligadas ao setor, que se recusavam a assumir o papel norteador dos produtos em questões relacionadas à produção, ao preço, ao mercado e a qualidade.

No início de 2003 o Brasil assinou a homologação do processo ANTI-DUMPING solicitado pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA) que impôs sobretaxas de importação de 6% a 46% para países da União Européia.

Apesar deste momento a produção de leite no Brasil estar sendo favorecida por ofensiva conjuntural, a produção enfrenta ainda vários desafios: eficiência na gestão dos negócios; genética do rebanho; manejo; alimentação.

A solução é adequar à nutrição (quanto custa alimentar cada animal e como ele responde ao investimento feito com a alimentação).

Neste momento é que entra nosso trabalho, com téc-



nicos, veterinário, e representantes bem formados, em um mercado em crescimento esperando justamente, por uma boa nutrição, ração de qualidade, diferencial em atendimento, palestras, demonstrações, participação em eventos, realmente mostrarmos a nossa cara, vestirmos a camiseta e termos excelente resultados, pois o mercado esta como uma bola picando em nossa frente.

Além do grande potencial de produção, está garantido o escoamento desta produção, visto que as principais indústrias de laticínios do país estão instalando-se no estado (CCGL, Parmalat, Nestlé, Ibaré, Santa Clara, Piá etc).

Além disto, admite-se em estudos realizados (e aqui pesquisados para suas informações) que a taxa anual de crescimento da produção de leite, até 2010, no Sul seja igual à taxa média das últimas décadas, ou seja, de 3,3%.

Além disto o crescimento no número total de empregos indiretos será em torno de 741.213 (calculado assim 2,66 empregos/propriedade x 278.652 produtores = 741.213) deixando de fora deste calculo, as empresas fornecedoras dos mais diversos produtos necessários à produção – Ração, sal, medicamento, veterinários, sêmem, etc.

Esta ampliação no setor exige do produtor, crescente busca por inovações, e por outro lado, a inovação oferece a ele maior poder de competição.

**Autor:** Edmundo Benedetti (mestre em produção animal, pela universidade de Minas Gerais, Doutor em ciência animal EV/UFMG, atualmente professor de bovinocultura de leite e astrologia na graduação de veterinária da UFMG).



**A origem multirracial do povo brasileiro talvez ajude a explicar fatos relacionados, a atividade leiteira no Brasil.**